

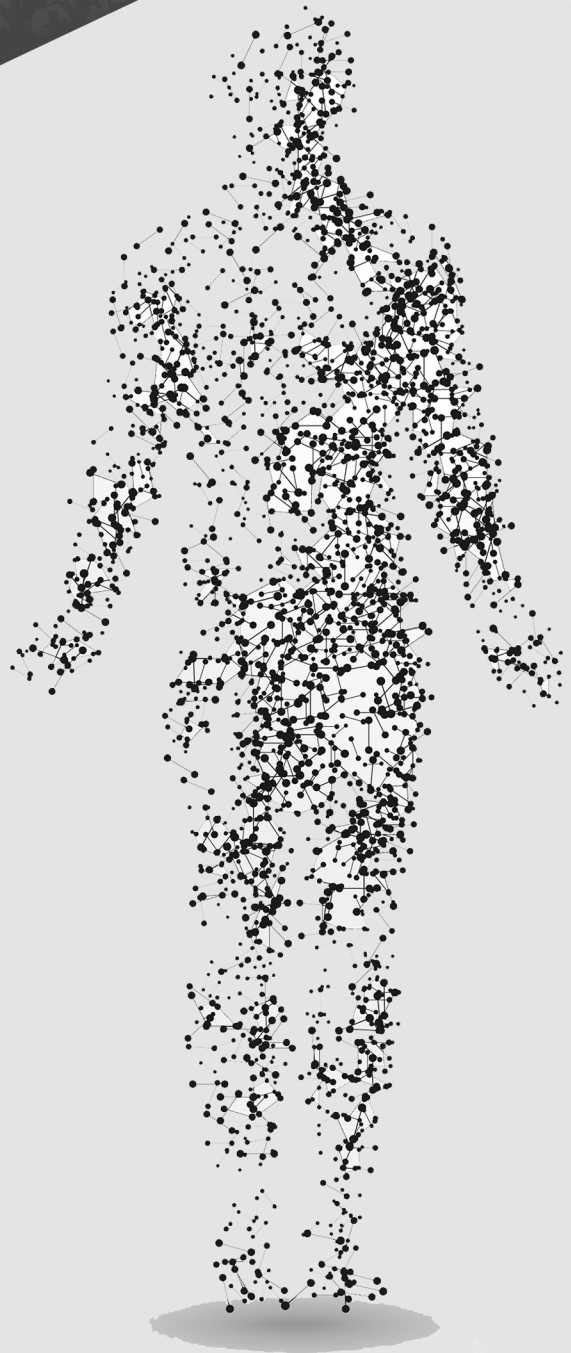
AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA
(ORGANIZADOR)



AS CIÊNCIAS HUMANAS COMO PROTAGONISTAS NO MUNDO ATUAL

GUSTAVO HENRIQUE CEPOLINI FERREIRA
(ORGANIZADOR)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Prof^a Dr^a Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof^a Dr^a Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof^a Dr^a Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof^a Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof^a Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof^a Dr^a Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof^a Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Prof^a Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof^a Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof^a Dr^a Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof^a Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof^a Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
 Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
 Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
 Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
 Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
 Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
 Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
 Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
 Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	<p>As ciências humanas como protagonistas no mundo atual [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-057-5 DOI 10.22533/at.ed.575202205</p> <p>1. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil. 2. Tecnologias. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini.</p> <p style="text-align: right;">CDD 301</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea “As Ciências Humanas como Protagonistas no Mundo Atual”, cuja diversidade teórica e metodológica está assegurada nos capítulos que a compõem. Trata-se de uma representação da ordem de vinte e seis capítulos de professores, técnicos e pesquisadores oriundos de diferentes instituições brasileiras.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Ciência Humanas reconhecendo seu papel histórico, presente e futuro no desenvolvimento da sociedade a partir de conceitos e práticas delineadas e justapostas como ferramentas para compreender o mundo globalizado a partir de investigações que possam transformá-lo.

Nos dez primeiros capítulos da Coletânea, os autores e autoras tecem considerações importantes sobre as narrativas, memórias, autobiografias e identidades em diferentes contextos educacionais, perfazendo trajetórias metodológicas para a formação docente e discente seja na Educação Básica ou no Ensino Superior. Tais reflexões revelam o potencial crescente dos estudos envolvendo os percursos identitários no bojo das Ciências Humanas e demais desdobramentos na formação docente.

Os capítulos 11, 12 e 13 apresentam fecundas considerações envolvendo a temática ambiental e sustentabilidade, tendo como plano de fundo os debates inerentes à Educação Ambiental e outras práticas no âmbito da Educação Básica.

O capítulo 14 analisa as cartas trocadas entre D. Pedro I e a Condessa de Belmonte, desvelando uma parte da história do país. Já nos capítulos 15 e 16 os autores analisam respectivamente as competências socioemocionais no desenvolvimento humano e o Ensino Religioso no estado do Amazonas através de uma concepção filosófica-histórica-crítica.

Na sequência os capítulos 17, 18 e 19 apresentam respectivamente, um debate sobre atos de violência e inclusão escolar, a gênese do desenvolvimento da criança e a difusão diagnóstica do TDAH - Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade na infância tem sido um fenômeno do contemporâneo.

O capítulo 20 apresenta-se uma importante trajetória de Simone de Beauvoir como resistência, buscando compreender o ser mulher frente ao contexto social. Nos capítulos 21 e 22, os pesquisadores tecem considerações sobre as disputas do Positivismo e da Dialética na Sociologia Alemã e sobre o desenvolvimento humano a partir de uma leitura sócio-histórica.

No capítulo 23, o autor apresenta uma fecunda leitura sobre os atributos relevantes para a formação de um pesquisador em Ciências Humanas. Enquanto no capítulo 24, nota-se uma análise sobre a formação continuada de professores da

Educação Infantil a partir dos paradigmas da Pedagogia Crítica.

Por fim, os capítulos 25 e 26 tecem considerações sobre a formação continuada de professores em EAD e a inclusão digital na Terceira Idade.

Assim, esperamos que as análises e contribuições ora publicadas na Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates para compreensão das Ciências Humanas como protagonistas no mundo atual; transformando as realidades, ensinando com criticidade, derrubando muros e barreiras com coerência metodológica e, sobretudo, estabelecendo diálogos e pontes para um novo futuro comum.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO”: DA ENTREVISTA NARRATIVA A PESQUISA NARRATIVA	
Assicleide da Silva Brito Maria Luiza de Araújo Gastal	
DOI 10.22533/at.ed.5752022051	
CAPÍTULO 2	15
EM LINHAS NARRATIVAS: A RELEVÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES INICIANTES	
Rozilene de Moraes Sousa Ivete Cevallos	
DOI 10.22533/at.ed.5752022052	
CAPÍTULO 3	30
AUTOBIOGRAFIA NA SOCIOEDUCAÇÃO: AUTOCONFRONTAÇÃO PARA ATIVAÇÃO DE VALORES E RESSIGNIFICAÇÃO DE PROJETOS DE VIDA DE ADOLESCENTES RESTRITOS DE LIBERDADE	
Luiz Nolasco de Rezende Junior Claudia Pato	
DOI 10.22533/at.ed.5752022053	
CAPÍTULO 4	39
O MÉTODO BIOGRÁFICO-NARRATIVO E O USO DOS BIOGRAMAS PARA A COMPREENSÃO DAS TRAJETÓRIAS DOCENTES NA ENGENHARIA BIOMÉDICA	
Alessandra de Cássia Grilo Maria Angela Boccara de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.5752022054	
CAPÍTULO 5	47
PROFESSORA CLEO: VIDA, PERCURSOS, PERCALÇOS E VITÓRIAS	
Maria das Graças Campos Cleonice Terezinha Fernandes José Serafim Bertoloto	
DOI 10.22533/at.ed.5752022055	
CAPÍTULO 6	66
CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, O SUJEITO E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	
Sandiara Daíse Rosanelli Tamara Conti Machado Jorge Luiz da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.5752022056	
CAPÍTULO 7	79
ROTAS DE UM BARCO À DERIVA: CONTRIBUIÇÕES METODOLÓGICAS À PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA	
Elaine Pedreira Rabinovich Cinthia Barreto Santos Souza Eliana Sales Brito Maria Angélica Vitoriano da Silva Rita da Cruz Amorim Sumaia Midlej Pimentel Sá	
DOI 10.22533/at.ed.5752022057	

CAPÍTULO 8	90
DE VOLTA AO MEU MUNDO DE ORIGEM	
Maria Geni Pereira Bilio	
Maria das Graças Campos	
DOI 10.22533/at.ed.5752022058	
CAPÍTULO 9	105
HISTÓRIA FAMILIAR DE DUAS IRMÃS: TEMPO & ESPAÇO E O ETERNO (RE)COMEÇO	
Elaine Pedreira Rabinovich	
DOI 10.22533/at.ed.5752022059	
CAPÍTULO 10	115
NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS INTERGERACIONAIS EM UM PROJETO DE EXTENSÃO: IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PESSOAL DOS ACADÊMICOS	
Janaína Vieira Eduardo	
Kátia Maria Pacheco Saraiva	
DOI 10.22533/at.ed.57520220510	
CAPÍTULO 11	127
A PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A FORMAÇÃO DE VALORES E A ÉTICA DO CUIDADO NO AMBIENTE ESCOLAR	
Tereza Joelma Barbosa Almeida	
Ana Sueli Teixeira de Pinho	
DOI 10.22533/at.ed.57520220511	
CAPÍTULO 12	143
CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM DESAFIO INTERDISCIPLINAR	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira	
Eliana Izabel da Silva Cepolini	
DOI 10.22533/at.ed.57520220512	
CAPÍTULO 13	154
ROBÓTICA SUSTENTÁVEL: UMA VISÃO DE SUSTENTABILIDADE DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA AMAZÔNIA EM ATIVIDADES DE ROBÓTICA EDUCACIONAL	
Angel Pena Galvão	
Luiz Fernando Reinoso	
João Lucio de Souza Junior	
Edinelson Luis Sousa Junior	
Manoel Sarmanho Neto	
Eduardo José Caldeira Tavares	
DOI 10.22533/at.ed.57520220513	
CAPÍTULO 14	163
A CONFIANÇA DEPOSITADA EM DADAMA : UMA ANÁLISE A PARTIR DE CARTAS TROCADAS ENTRE D. PEDRO I E MARIANA CARLOTA DE VERNA	
Gilmara Rodrigues da Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.57520220514	
CAPÍTULO 15	174
COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS NO CONTEXTO DO MODELO BIOECOLÓGICO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO	
Francisco Ariclene Oliveira	

Guilherme Irffi
Luciano Lima Correia
Liu Man Ying
Ana Cristina Lindsay
Márcia Maria Tavares Machado
DOI 10.22533/at.ed.57520220515

CAPÍTULO 16 186

ENSINO RELIGIOSO NO AMAZONAS UM PROCESSO DE DESCOLONIZAÇÃO

Francisco Sales Bastos Palheta

DOI 10.22533/at.ed.57520220516

CAPÍTULO 17 201

COMPREENSÃO DOS SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS ATOS DE VIOLÊNCIA EM UMA EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO ESCOLAR

Magdalânia Cauby França

DOI 10.22533/at.ed.57520220517

CAPÍTULO 18 213

A GÊNESE DO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA: OPERAÇÕES COM SIGNOS E FORMAÇÃO DO PENSAMENTO

Sandra Maria do Nascimento Moreira

Orlando Fernández Aquino

DOI 10.22533/at.ed.57520220518

CAPÍTULO 19 228

UM PERCURSO DA DIFUSÃO DIAGNÓSTICA DO TDAH - A NOVA FACE DO MAL – ESTAR INFANTIL NO CONTEMPORÂNEO?

Luciane Martins Alfradique

DOI 10.22533/at.ed.57520220519

CAPÍTULO 20 241

SIMONE DE BEAUVOIR: RESISTIR PARA SUBVERTER

Simone Sanches Vicente Morais

Henrique de Oliveira Lee

Dolores Aparecida Garcia

Ninna Sanches Vicente da Costa

Lucy Azevedo

Soraya do Lago Albuquerque

DOI 10.22533/at.ed.57520220520

CAPÍTULO 21 253

A DISPUTA DO POSITIVISMO E DA DIALÉTICA NA SOCIOLOGIA ALEMÃ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Hélio Fernando Lôbo Nogueira da Gama

DOI 10.22533/at.ed.57520220521

CAPÍTULO 22 266

DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA

Sandra Maria do Nascimento Moreira

Orlando Fernández Aquino

Vania Severino

DOI 10.22533/at.ed.57520220522

CAPÍTULO 23	278
A FORMAÇÃO DO PESQUISADOR EM CIÊNCIAS HUMANAS: UMA VISÃO, HOJE	
Alessandro Carvalho Sales	
DOI 10.22533/at.ed.57520220523	
CAPÍTULO 24	286
FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL: DIFERENTES PARADIGMAS E A PEDAGOGIA CRÍTICA	
Maria de Jesus Assunção e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.57520220524	
CAPÍTULO 25	299
A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E AS CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM	
Miguel Alfredo Orth	
Claudia Escalante Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.57520220525	
CAPÍTULO 26	315
INCLUSÃO DIGITAL NA TERCEIRA IDADE	
Adelcio Machado dos Santos	
Danilo Erhardt	
Sandra Mara Bragagnolo	
DOI 10.22533/at.ed.57520220526	
SOBRE O ORGANIZADOR	324
ÍNDICE REMISSIVO	325

CONCEPÇÃO PEDAGÓGICA DE PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UM DESAFIO INTERDISCIPLINAR

Data de aceite: 15/05/2020

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

Professor do Departamento de Geociências e
PPGEO - Unimontes

gustavo.cepolini@unimontes.br

Eliana Izabel da Silva Cepolini

Centro Universitário Claretiano e Universidade de
Taubaté

eliana.izabel.silva@gmail.com

RESUMO: O presente ensaio visa identificar alguns elementos que constituem a Educação Ambiental – EA na Educação formal e não formal, tendo como pressupostos suleadores a sua origem e aplicação interdisciplinar, ou seja, remete às diferentes áreas do conhecimento a partir de distintas manifestações cotidianas atreladas às crises mundiais e a construção de metodologias para uma teoria participativa para construir projetos de EA referenciados por uma concepção pedagógica autônoma e transformadora.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental.

1. Dentre a concepção de E.A., destacam-se os: “[...] relatos de que o termo “educação ambiental” surgiu na Grã-Bretanha na década de 60, no entanto, outros autores afirmam que o termo surgiu nos Estados Unidos na mesma época. Porém, o que importa para a discussão do momento seria a situação espaço-temporal de quando se iniciaram as discussões sobre a importância de se trabalhar a educação ambiental no mundo (AMÂNCIO, 2001, p. 50)” e “[...] um processo **contínuo** no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência de seu ambiente e adquirem o conhecimento, os valores, as habilidades, as experiências e a determinação que os tornem aptos a agir – individual e coletivamente – e resolver os problemas ambientais presentes e futuros” (apud DIAS, 2002, p. 66, grifo do autor).

Projetos Interdisciplinares. Educação Básica.

Certo, nós não mudaremos o mundo, mas podemos mudar o modo de vê-lo (SANTOS, 2004, p. 40).

A análise da educação formal e não formal no contexto da Educação Ambiental – EA remete a díade teoria-prática, ou seja, remete às atividades e às oficinas desenvolvidas nos projetos de EA. Nesse contexto, analisaremos algumas estratégias para gestão ambiental participativa e transformadora.

A partir desses temas, convém exercitar uma leitura crítica, buscando suporte na interdisciplinaridade que move a E.A. na totalidade¹.

MODALIDADES DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A caracterização e a descrição das modalidades da EA foram discutidas em diferentes escalas. No cenário brasileiro, foram discutidas, inclusive, no âmbito da Lei n.

9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a E.A. e institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

Segundo Macedo (2005), a E.A. pode ser classificada como E.A. formal ou escolar, E.A. não formal, E.A. informal etc. Essas divisões nos auxiliam na organização da ação e da intervenção prática, pois remetem à construção da autonomia, uma vez que temos um diálogo interdisciplinar que não se fecha em torno de uma única área do saber. Daí a construção interdisciplinar, dos múltiplos olhares para além da sala de aula.

Rocha (2000) analisa a importância da E.A. técnica para o Brasil, fornecendo um referencial técnico-científico-teórico-prático focando a sustentabilidade nos diferentes níveis da educação (Ensino Fundamental, Médio e Superior); para tal exercício, expõem-se programas que subsidiam a E.A. nesses níveis educacionais. Essa leitura nos fornece um conhecimento amplo sobre as modalidades da E.A., seja nos países desenvolvidos, seja naqueles em desenvolvimento, pois não deixa que a E.A. seja apenas papel do Estado ou da escola. Temos responsabilidades como cidadãos que buscam uma autonomia. A E.A. técnica, segundo:

[...] os relatórios do “Center for Latin American Studies” (USA) e do “Center for Amazonian Studies” (Reino Unido) e o famoso Relatório de Marcel Blanc, todos concluíram sobre os 4 (quatro) perigos básicos que poderão destruir o planeta nas próximas décadas: a energia atômica, o efeito estufa, a camada de ozônio e os produtos provenientes da biotecnologia [...]. Relatam esses relatórios que a Educação Ambiental maciça e prática, (Educação Ambiental Técnica) atingindo os grandes centros, poderia ser uma esperança para evitar a destruição do planeta (ROCHA, 2000, p. 3-4).

Nesse contexto, temos um problema para discutir. De um lado, estão aqueles que acreditam que a E.A. deva ser diluída em diferentes disciplinas; de outro, uma corrente que crê que a E.A. deva ser constituída como uma disciplina específica. A partir dessas propostas, temos de ter clareza de que ambas podem coexistir e, sobretudo, acontecer nos espaços educativos, tal como na escola e no cotidiano.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL FORMAL, OU ESCOLAR

A E.A. formal, ou escolar, constitui-se dos processos pedagógicos pelos quais os indivíduos ou grupos sociais estão inseridos. Nesse contexto, a formação da consciência ambiental é instrumentalizada desde a Educação Infantil por meio do lúdico, ou seja, respeitando o desenvolvimento da criança e do adolescente perante sua realidade.

Conforme Macedo (2005, p. 44):

A educação ambiental formal é um processo integrado à educação geral, onde as escolas atuam com a função fundamental de educar para a formação e o desenvolvimento de indivíduos conscientes e com conhecimento sobre as

questões relacionadas ao ambiente onde vivem. Assim como a educação geral, a educação ambiental, constitui parte da formação o exercício pleno da cidadania e para a participação em sociedade nos processos decisórios sobre as questões vitais do meio ambiente e do futuro do planeta.

A leitura da E.A. formal é, portanto, inerente ao espaço da escola, momento esse de formação ampla do cidadão. Todavia, não basta aprender a E.A. de forma isolada, temos de integrá-la às demais disciplinas, pois trata-se da dinâmica física, biológica, socioeconômica, cultural, espiritual etc.

Na Lei n. 9.795, a E.A. no ensino formal está prevista da seguinte maneira:

Art. 9º Entende-se por Educação Ambiental na educação escolar a desenvolvida no âmbito dos currículos das instituições de ensino públicas e privadas, englobando:

I – Educação Básica:

- a) Educação Infantil;
- b) Ensino Fundamental e
- c) Ensino Médio;

II – Educação Superior;

III – Educação Especial;

IV – Educação Profissional;

V – Educação de Jovens e Adultos.

Art. 10. A Educação Ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal.

§ 1º A Educação Ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino.

§ 2º Nos cursos de Pós-graduação, Extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da Educação Ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica.

§ 3º Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas.

Art. 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas.

Parágrafo único. Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental.

Art. 12. A autorização e supervisão do funcionamento de instituições de ensino e de seus cursos, nas redes pública e privada, observarão o cumprimento do disposto nos Arts. 10 e 11 desta Lei (BRASIL, 2010).

Essas indicações devem ser compreendidas como um norteador da ação

educativa, não como a única estratégia para o ensino e aprendizagem. Um exemplo nítido são os projetos das redes estaduais e municipais de educação. Será que elas trocam experiências? Como esses projetos e programas estão estruturados? Essas indagações devem fomentar a formação continuada dos professores, dos coordenadores e dos alunos envolvidos, pois existe um diálogo interdisciplinar que exige uma postura e um compromisso para efetivação da E.A. na sua plenitude.

Uma última reflexão sobre essa modalidade da E.A. se refere aos conteúdos, às metodologias e aos meios de avaliação. Esses itens são essenciais (leia-se “obrigatórios”), uma vez que estão formalizados no âmbito da escola. Isso significa, entre outras coisas, que os professores podem usar estratégias informais, mas com o devido registro nos sistemas oficiais de ensino.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NÃO FORMAL E INFORMAL

Segundo Leonardi (1996 apud AMÂNCIO, 2001, p. 61), a educação ambiental não formal:

É aquela que ocorre em outros e variados espaços da vida social, com diferentes componentes, metodologias e formas de ação daquela formal. Seu caráter não-formal indica que é uma atividade fora da escola e é exercida normalmente por sindicatos, ONGs, empresas, secretarias do governo, etc.;

A partir dessa definição, temos clareza de que essa modalidade da E.A. ocorre fora da escola. No entanto, o processo de conscientização e reconhecimento da realidade só será alcançado hipoteticamente, falando de maneira diferente.

Gohn (2001), ao refletir sobre a educação não formal, aponta que é necessário ter um conceito amplo de educação, para associá-lo com o de cultura, por exemplo. Essa reflexão indica que o saber oriundo da realidade de diferentes modos, formas e processos não deveria ser dissociado na trajetória do homem (leia-se “sociedade”) enquanto educação formal. Para ela, a educação não formal designa um processo com cinco dimensões:

1. Aprendizagem política dos direitos como cidadão.
2. Capacitação do indivíduo para o trabalho por meio da aprendizagem de habilidades ou desenvolvimento de potencialidades.
3. Aprendizagem e exercício de práticas com finalidade comunitária, ou seja, voltadas para a resolução de problemas coletivos cotidianos.
4. Aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em diferentes lugares.
5. Educação desenvolvida na e pela mídia, em especial, a eletrônica.

A possibilidade da educação não formal está na criação desses novos saberes a partir do devir cotidiano, do inusitado da criatividade humana. Por isso, não requer

um saber estruturado, sistematizado, como num texto ou numa cartilha, podendo ocorrer livremente, de acordo com uma necessidade de um dado grupo social, inserido na periferia da cidade de São Paulo, no interior de Goiás ou nos igarapés próximos de Belém.

No âmbito da Lei n. 9.795, a E.A. não formal está prevista da seguinte maneira:

Art. 13. Entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente.

Parágrafo único. O Poder Público, em níveis federal, estadual e municipal, incentivará:

I - a difusão, por intermédio dos meios de comunicação de massa, em espaços nobres, de programas e campanhas educativas, e de informações acerca de temas relacionados ao meio ambiente;

II - a ampla participação da escola, da universidade e de organizações não-governamentais na formulação e execução de programas e atividades vinculadas à educação ambiental não-formal;

III - a participação de empresas públicas e privadas no desenvolvimento de programas de educação ambiental em parceria com a escola, a universidade e as organizações não-governamentais;

IV - a sensibilização da sociedade para a importância das unidades de conservação;

V - a sensibilização ambiental das populações tradicionais ligadas às unidades de conservação;

VI - a sensibilização ambiental dos agricultores;

VII - o ecoturismo (BRASIL, 2010).

O diálogo ora estabelecido exige a busca, a participação e a mobilização da sociedade em caráter de urgência, em determinados momentos, em torno do uso racional dos recursos, do controle da poluição e da degradação socioambiental, assim como da mediação dos conflitos existentes numa sociedade antagônica ao pensar o desenvolvimento e o meio ambiente.

O processo, portanto, deve ser permanente, contínuo e urgente. Permanente e contínuo porque o conhecimento ambiental evolui e deve ser compartilhado com toda a sociedade em todas as fases da vida; urgente porque tem que atuar inclusive sobre os adultos de hoje que não passaram pelo processo de educação ambiental formal capaz de criar o alicerce para condutas ambientalmente adequadas. É nesse contexto que se encontra o espaço de atuação da educação ambiental não-formal (MACEDO, 2005, p. 46).

Nesse contexto, a E.A. não formal se aproxima da E.A. informal, revelando que há um diálogo permanente, destacando, ainda, que são exercidas:

[...] em outros espaços sociais, muito variados, não possuindo compromisso com a continuidade. Não se exige, também que defina claramente sua forma de ação, metodologia e avaliação, como, por exemplo, os meios de comunicação de massa (LEONARDI, 1996 apud AMÂNCIO in PAULA et al., 2001, p. 61).

Acrescenta-se a essa modalidade de E.A. a educação transmitida pela família, no convívio com os amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, videoteca, recursos multimídias, *folders*, cartazes, rádio, televisão, livros, revistas, internet etc. (GOHN, 2001; MACEDO, 2005).

O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar (GOHN, 2001, p. 100).

Essa breve caracterização e diferenciação é de suma relevância para fomentar o debate para além dos espaços escolares, pois, mesmo ocorrendo em lugares diversos, todas as modalidades percorrem caminhos diferentes, mas com a mesma finalidade: a conscientização e sensibilização para melhoria da qualidade ambiental e da vida.

Um exemplo fundamental para aprofundarmos a E.A. não formal e informal são as manifestações culturais populares, que, regionalmente, propiciam leituras dinâmicas sobre o olhar histórico, cultural e ambiental de um dado grupo social, como, por exemplo, as vaquejadas no Nordeste, as folias de reis, o fandango, as comidas, as rezas, as danças, as crenças e os mitos folclóricos que são passados de geração em geração por meio da oralidade, da lembrança que um povo possui do mundo cultural e natural. A partir dessas indicações, pesquise as possibilidades que essas manifestações possuem no seu cotidiano.

PROPOSTAS PARA ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE E.A.

Os referenciais pedagógicos de projetos de E.A. estão orientados por várias temáticas. Portanto, são temas: o lixo, os recursos hídricos, o licenciamento ambiental, as queimadas, a reforma agrária, a irrigação, o desmatamento, as poluições, o turismo, a pesca, a fauna, a flora, as questões étnicas e culturais, entre outros tantos que poderíamos apresentar, os quais passam pela percepção do vivido.

Nesse contexto, a definição da percepção ambiental torna-se essencial para a compreensão de mundo daqueles que estão organizando os projetos.

Segundo Macedo (2000, p. 8-9):

[...] a percepção ambiental como sendo as diferentes maneiras sensitivas (percebidas através dos sentidos) que os seres humanos captam, percebem e se sensibilizam pelas realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos,

processos ou mecanismos ambientais observados “in loco”. Realça-se a importância da percepção ambiental principalmente por ser a mesma, considerada precursora do processo que desperta a conscientização do indivíduo em relação às realidades ambientais observadas.

Essa definição é essencial para irmos além dos jargões dos três “Rs” (reduzir, reutilizar e reciclar) e, sobretudo, da lógica de que cada um faz sua parte.

Uma discussão concomitante à visão simplista da E.A. refere-se à fenomenologia, ou seja:

[...] o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua “facticidade”. É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre “ali”, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma “ciência exata”, mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo “vividos”. É a tentativa de uma descrição direta de nossa experiência tal como ela é, e sem nenhuma deferência à sua gênese psicológica e às explicações causais que o cientista, o historiador ou o sociólogo dela possam fornecer, e todavia Husserl, em seus últimos trabalhos, menciona uma “fenomenologia genética” e mesmo uma “fenomenologia construtiva” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 1-2).

A fenomenologia é, por vezes, vista como mera representação e percepção da realidade visível, apresentando-nos condições teóricas para compreendermos o cotidiano a partir de mensagens (leia-se “outros pontos de vista”) que estão pautadas no consumo planejado do contraditório modo capitalista de produção.

A partir desse contexto, os projetos de E.A. devem estar alinhados com um olhar educativo ou mesmo um projeto educativo que integre os envolvidos, possibilitando, ainda, satisfazer necessidades e resolver problemas reais. Para Costa (2001, p. 18-19), um excelente projeto educativo deve apresentar os seguintes itens:

- em qual situação devemos intervir?
- quais são os problemas aí existentes?
- a quem interessa o enfrentamento destes problemas?
- qual é nosso plano de trabalho para intervir nesta situação?
- quem vai se envolver na execução das ações propostas?
- como nos organizaremos para isto?
- quanto tempo será necessário para o desenvolvimento das ações agendadas?
- como saberemos se estamos atingindo ou não nossos objetivos?
- quem responde pelos resultados positivos e negativos de nossa atuação?

Essa intervenção está baseada na **educação por projetos**, que se trata de

uma metodologia integradora de disciplinas e áreas culturais, facilitando a efetivação de atividades e programas interdisciplinares.

As atividades interdisciplinares de E.A. podem sensibilizar, informar e estimular a percepção para a formação e a conscientização plena do cidadão. A partir dessa premissa, sugerimos alguns temas e atividades para fomentar essa construção e troca de saberes, competências e habilidades no âmbito da E.A. formal, não formal e informal. Todas podem ser utilizadas e, sobretudo, modificadas conforme as necessidades de cada grupo nas inúmeras realidades locais².

Delors (2006), destaque o processo educativo deve ser constante, daí a própria dinâmica, ao refletir sobre a problemática ambiental e as possibilidades em se trabalhar tais transformações a partir dos trabalhos de campo e estudos do meio. Nesse sentido, salienta-se, também, o papel da Educação Ambiental, uma vez que:

O homem contemporâneo vive profundas dicotomias. Dificilmente se considera um elemento da natureza, mas como um ser à parte, observador e/ou explorador da mesma. Esse distanciamento fundamenta as suas ações tidas como racionais, mas cujas consequências graves exigem dos homens, nesse final de século, respostas filosóficas e práticas para acabar com o antropocentrismo e o etnocentrismo (REIGOTA, 2004, p. 11).

Segundo Reigota (2004), os objetivos da E.A. previstos na Carta de Belgrado são: **conscientização, conhecimento, comportamento, competência, capacidade de avaliação e participação**³. Esses objetivos propiciam um entendimento sobre os estudos dos processos mentais relativos à percepção e à conscientização ambiental para que os educandos possam compreender melhor as inter-relações entre homem e meio ambiente, seja ele natural ou construído, as quais geram consequências que afetarão a qualidade de vida de várias gerações.

Sobre esse arcabouço, as discussões sobre a temática socioambiental, o desenvolvimento sustentável e as demais práticas conhecidas no âmbito urbano, tais como a reciclagem e o tratamento de resíduos, serão intensas, a partir das interpretações de Waldman (1994), Macedo (2000) e Macedo (2005).

O nível de percepção humana e de conscientização ambiental remonta aos tempos passados. Acredita-se que a primeira Declaração Ecológica que enfoca o Meio Ambiente em toda plenitude foi feita pelo Cacique Seattle ao Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, em 1854 (MACEDO, 2000, p. 17).

EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA

A E.A. transformadora é utopia presente em todos que a praticam, vistos o

2. Os trabalhos de campo e estudos do meio no bojo da Educação Básica também constituem-se em importantes instrumentos para construção da EA, ou seja, são oportunidades singulares no processo de ensino-aprendizagem desvelando a temática socioambiental. Para aprofundar essas indicações sugere-se: Balzan (1974), Pontuschka et al. (1991), Sena (2001), Pontuschka (2004) e Ferreira et. al (2019).

3. Acrescenta-se ainda as Metas da Agenda 2030 – ONU e seus 17 objetivos, disponível em: < <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 10 mai. 2020

processo de conscientização e a ação inerente às suas propostas. Nesse sentido, a gestão ambiental participativa vem de encontro à dificuldade das pessoas em visualizar as causas e as consequências da ação antrópica sobre o meio ambiente, o que implica novos olhares para o cotidiano e sua interferência nas escalas local, regional, nacional e global.

A partir desse cenário, compreendemos a gestão ambiental como gestão socioambiental, ou seja, aquela que obtém resultados duradouros com a interconexão dos conhecimentos que engloba para trazer soluções não apenas técnicas, mas também que estejam fundadas nos significados culturais e direcionadas no presente e, sobretudo, no futuro. Trata-se, portanto, de:

Uma proposta da Educação Ambiental dialógica e transformadora [que] pressupõe escolhas. Ao negar a neutralidade da gestão ambiental e ao afirmar o caráter intrinsecamente conflituoso da sua prática, esta concepção só deixa uma alternativa ao educador; a de comprometer-se com aqueles segmentos da sociedade brasileira, que na disputa pelo controle dos bens ambientais do país, são sempre excluídos dos processos decisórios e ficam com o maior ônus. O compromisso e competência do educador são requisitos indispensáveis para se passar do discurso para a ação (MACEDO, 2005, p. 108).

Esse rompimento entre o discurso e a prática exige, neste atual contexto, que revigoremos os sentidos da cidadania, ou seja, temos de construí-la na sua plenitude, com direitos e deveres mediados por valores que sejam éticos e responsáveis pela preservação da vida em suas diversas manifestações; por conseguinte, temos de efetivar a E.A. como processo e meio para reduzir as desigualdades sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises e reflexões aqui realizadas apresentam o desfaio da E.A. concebendo-o a partir da teoria e a prática, humanizando as relações educativas e sociais.

Nesse contexto, reitera-se que as várias modalidades da E.A. permitem a construção de um amplo processo de conscientização e transformação socioambiental.

Quanto às indicações dos projetos e atividades sobre E.A., tratam-se de uma tentativa e, sobretudo, de um esboço suleador para a aplicação da E.A. formal e não formal. Por isso, os estudos devem continuar para a construção da gestão ambiental participativa a partir dos distintos lugares e olhares; enfatizando assim, seu compromisso social e territorial.

Essas reflexões devem movimentar, portanto, nossas ações cotidianas, a fim de construirmos a E.A. como característica e instrumento de diálogo presente e futuro. Eis um caminho para compreendermos as inovações educativas apontadas por

Veiga (2004) ao revelar a força emancipatória protagonizada entre o saber científico e o senso comum, fazendo que ambos possam ser reconstruídos democraticamente rumo a uma sociedade mais igualitária, em que o local e global possam dialogar.

REFERÊNCIAS

AMÂNCIO, C. O. G. Educação ambiental: uma problematização crítica deste conceito. In: PAULA, M. G. et al. *Introdução ao estudo da gestão e manejo ambiental*. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.

BALZAN, N. Estudo do meio. In: PARRA, N. (Org.). *Didática para a escola de 1º e 2º graus*. São Paulo: Pioneira, 1974.

BRASIL. Planalto. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em 10 dez. 2010.

COSTA, A. C. G. *Educação por projetos: um pequeno guia para o educador*. Lagoa Santa: Takano, 2001.

DELORS, J. (Org.). *Educação, um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC, UNESCO, 2006.
DIAS, G. F. *Iniciação à temática ambiental*. São Paulo: Global, 2002.

FERREIRA, Gustavo Henrique Cepolini et al. Trabalho de campo e a formação do professor de Geografia: uma experiência no Semiárido Norte Mineiro. *REVISTA ELETRÔNICA DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, SEÇÃO TRÊS LAGOAS*, v. 29, p. 53-71, 2019.

GOHN, M. G. *Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor*. São Paulo: Cortez, 2001.

MACEDO, R. L. G. *Percepção e conscientização ambientais*. Lavras: UFLA/FAEPE, 2000.

_____. *Referenciais básicos para formação em educação ambiental*. Lavras: UFLA/FAEPE, 2005.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PONTUSCHKA, N. N. et al. O “estudo do meio” como trabalho integrador das práticas de ensino. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 70, p. 45-52, 1991.

_____. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. (Org.). *O ensino de geografia no século XXI*. Campinas: Papyrus, 2004.

REIGOTA, M. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROCHA, J. S. M. *Educação ambiental técnica para os ensinos fundamental, médio e superior*. Santa Maria: Imprensa Universitária, 2000.

SANTOS, M. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: Edusp, 2004.

SENA, C. C. R. G. O estudo do meio como instrumento de ensino de geografia: desvelando o Pico do Jaraguá para deficientes visuais. *Revista Paisagens*, São Paulo, ano IV, n. 5, p. 13-18, out. 2001.

VEIGA, I. P. A. *Educação básica e educação superior: projeto político-pedagógico*. Campinas: Papyrus, 2004.

WALDMAN, M. *Ecologia e lutas sociais no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente Social 137, 174

Autobiografia 30, 33, 37, 77, 83, 89, 92, 103, 107, 108, 127, 241, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 251

Autoetnografia 80, 82, 83, 84, 85, 89, 105, 106, 108, 114

B

Belmonte 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Biograma 39, 41, 42, 43, 44, 45

C

caminho de formação 1

Cartas 33, 51, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 243

Condessa 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

Consciência Histórica 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

D

Desenvolvimento 2, 4, 7, 9, 15, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 31, 39, 40, 45, 46, 66, 68, 69, 70, 72, 89, 93, 112, 118, 124, 125, 127, 128, 129, 131, 136, 137, 138, 139, 141, 144, 146, 147, 149, 150, 155, 159, 161, 162, 163, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 199, 205, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 232, 233, 234, 236, 239, 262, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 286, 287, 288, 297, 299, 302, 303, 305, 306, 315, 321, 322

Desenvolvimento Profissional 7, 15, 17, 19, 22, 23, 25, 26, 40, 297

D. Pedro I 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172

E

Educação 8, 2, 4, 5, 6, 7, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 27, 28, 29, 31, 37, 38, 46, 51, 54, 57, 58, 59, 60, 62, 65, 69, 71, 73, 75, 77, 78, 90, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 119, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161, 162, 165, 166, 167, 169, 173, 175, 176, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 211, 212, 213, 223, 228, 234, 238, 239, 240, 243, 244, 247, 248, 249, 279, 280, 282, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 317, 318, 323, 324

Educação Ambiental 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 150, 151, 152, 161

Educação Básica 5, 6, 57, 65, 143, 145, 150, 153, 186, 190, 193, 194, 195, 199, 200, 213, 302, 309, 310, 312, 313

Engenharia Biomédica 39, 40, 46

Entrevista Narrativa 1

Espaço 2, 7, 8, 10, 11, 14, 18, 50, 51, 53, 56, 64, 70, 74, 77, 79, 81, 83, 86, 87, 93, 105, 110, 112, 113, 115, 118, 119, 120, 121, 124, 134, 135, 136, 137, 140, 142, 143, 145, 147, 149, 152, 174, 176, 182, 190, 234, 250, 251, 252, 271, 284, 317, 319, 322, 324

Ética 35, 114, 125, 127, 128, 129, 136, 138, 139, 140, 141, 145, 252, 285

Experiência 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 21, 28, 33, 47, 49, 52, 57, 69, 71, 74, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 100, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 119, 120, 121, 123, 125, 126, 130, 149, 152, 156, 177, 183, 186, 201, 202, 215, 220, 241, 243, 250, 251, 258, 259, 262, 263, 267, 268, 282, 290, 309, 324

F

Família 48, 49, 50, 52, 53, 55, 60, 63, 73, 79, 80, 81, 83, 86, 88, 89, 95, 96, 98, 105, 106, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 123, 148, 165, 169, 176, 179, 181, 182, 184, 205, 206, 210, 211, 243, 251, 267, 274, 289

Formação Continuada 10, 12, 13, 15, 17, 22, 23, 25, 26, 27, 57, 100, 146, 286, 287, 288, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 307, 310, 311, 312, 313, 314

Formação pessoal 116

Formação profissional 6, 11, 14, 19, 29, 100, 115, 116, 119, 120

H

Habilidades 143, 146, 150, 157, 174, 175, 176, 177, 179, 181, 184, 218, 233

História de vida 2, 26, 38, 47, 90, 91, 92, 103, 117, 131, 177, 184

I

Identidade 3, 5, 6, 8, 13, 14, 22, 27, 28, 32, 48, 55, 56, 59, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 107, 118, 129, 136, 142, 205, 206, 207, 210, 212, 245, 246, 289, 291

Inteligência 168, 174, 175, 213, 214, 215, 216, 218, 219, 221, 223, 224, 225, 269, 271, 273, 313, 323

Irmãs 57, 92, 96, 105, 113, 169

L

Leitura de vida 47

M

Memória 33, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 56, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 103, 110, 118, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 132, 141, 221, 224, 225, 247, 274, 288

Método 39, 41

N

Narrativas 1, 2, 3, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 17, 21, 22, 23, 26, 27, 33, 37, 39, 41, 44, 45, 47, 49, 51, 60, 66, 70, 71, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 84, 102, 105, 108, 109, 113, 115, 116, 118, 120, 121, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 137, 139, 140, 141, 201, 202, 203

O

Objetivos 33, 36, 41, 71, 86, 90, 91, 92, 98, 99, 102, 103, 120, 125, 145, 148, 149, 150, 161, 195, 216, 219, 254, 260, 290, 295, 310, 316, 321, 322

Origem 51, 53, 64, 82, 89, 90, 91, 94, 105, 107, 109, 112, 113, 117, 132, 133, 143, 220, 223, 224, 225, 230, 235, 236, 271, 276, 283

P

Pesquisa Narrativa 1, 2, 3, 8, 13, 14, 120, 126, 286, 288

Professor iniciante 15, 17, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

Projetos de vida 30, 34, 36

Projetos Interdisciplinares 143

R

Racismo 47, 60, 65, 207, 210

Resiliência 47, 48, 56, 178

Robótica 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162

S

Socioeducação 30, 32

Sustentabilidade 141, 144, 154, 155, 157, 160, 161, 162, 185

T

Tempo 2, 8, 10, 11, 13, 17, 18, 41, 43, 47, 48, 52, 56, 58, 60, 63, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 83, 84, 87, 92, 93, 95, 96, 100, 103, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 120, 123, 130, 133, 134, 140, 142, 149, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 177, 178, 182, 183, 189, 209, 210, 216, 219, 228, 233, 240, 243, 246, 247, 250, 251, 256, 258, 259, 265, 268, 272, 275, 276, 280, 281, 282, 284, 285, 307, 316, 317

Trajectoria docente 39

V

valores humanos 32, 127, 137, 141

Valores Humanos 30

VALORES HUMANOS 137

 **Atena**
Editora

2 0 2 0